

O Discurso Ambiental e as Fontes Políticas: a Construção de Sentidos sobre as Mudanças Climáticas na Folha de São Paulo ¹

Luciana Miranda COSTA²
Camila Pinheiro Cordeiro de MIRANDA³
Layze Machado da SILVA⁴

Universidade Federal do Pará

Resumo

Este artigo traz alguns dos resultados parciais da pesquisa “Mudanças Climáticas, Mídia Impressa e Políticas Públicas: Uma Análise do Discurso Jornalístico e sua Interface com o Discurso Político” (CNPq, 2013). Tendo como base, principalmente, teorias sociológicas, da Análise do Discurso de vertente francesa e de Teorias do Jornalismo, este artigo busca investigar de que maneira a mídia impressa brasileira construiu seu discurso sobre o tema, no ano de 2009, quando ocorreu a 15ª Conferência das Nações Unidas sobre o Clima (COP-15). Aguardava-se, naquele momento, um acordo internacional de suma importância para o destino da humanidade, que substituiria o Protocolo de Kyoto, com novas metas de redução dos gases-estufa na atmosfera. O enfoque do texto está voltado especialmente para as fontes políticas utilizadas pelo Jornal Folha de São Paulo na construção de sentidos concernentes à temática “mudanças climáticas”.

Palavras-chave

Comunicação e Meio Ambiente; Análise do Discurso; FSP; COP15; Mudanças Climáticas.

Introdução

Desenvolveu-se, a partir de 1972, com a Conferência de Estocolmo⁵ e, especialmente após a Rio-92⁶, uma preocupação global voltada à relação homem e meio ambiente. A mídia vem assumindo, neste contexto, o papel institucional que lhe compete de

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Ciência, Meio Ambiente e Sociedade XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação realizado de 2 a 5/9/2014.

² Professora Doutora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará. E-mail: lmiranda@ufpa.br

³ Graduanda do 6º semestre do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Pará e bolsista de iniciação científica do CNPq. E-mail: camilapmiranda@gmail.com

⁴ Graduanda do 8º semestre do curso de Comunicação Social, habilitação em Publicidade e Propaganda da Universidade Federal do Pará e bolsista de iniciação científica do CNPq. E-mail: layzesilva@ymail.com

⁵ “Em 1972, a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano, também conhecida como Conferência de Estocolmo, foi o pontapé inicial rumo ao comprometimento das nações para um desenvolvimento mais sustentável. A conferência introduziu conceitos que se tornariam a base de futuras discussões, contribuindo para que o meio ambiente conquistasse, de fato, atenção internacional”. Fonte: <http://www.respostassustentaveis.com.br/blog/estocolmo-o-pontape-inicial-para-a-sustentabilidade/> Acesso em: 28 de jan. de 2014

⁶ “Cerca de 180 chefes de estado e de governo se reuniram no Riocentro, entre os dias 3 e 14 de junho de 1992, na Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento (Rio 92) ou Cúpula da Terra. Segundo a ONU [Organização das Nações Unidas], nove mil jornalistas de todo o mundo se credenciaram para acompanhar as discussões sobre desenvolvimento sustentável, que tinham sido iniciadas em 1972, na Conferência de Estocolmo, da qual resultou na Declaração de Estocolmo. Segundo especialistas, a Rio 92 consolidou uma agenda global para o meio ambiente”. Mais informações em: <http://oglobo.globo.com/economia/rio20/o-que-foi-rio-92-4981033#ixzz2rciOfLc1> Acesso em: 28 de jan. de 2014

informar e repercutir junto à opinião pública, o que os países, por meio de negociações internacionais, têm decidido sobre as ações necessárias para amenizar as mudanças climáticas. “Dessa forma, os veículos impressos possuem a capacidade de nortear a discussão ambiental, agendando e divulgando em suas páginas informações sobre a temática que irão repercutir em outros campos” (COSTA, 2009, p.186). No entanto, o que vem sendo observado nos últimos anos é que a cobertura feita pela mídia não é satisfatória no que tange à explicitação das causas e consequências das mudanças climáticas, sendo, portanto, insuficiente para promover um real entendimento sobre o tema (COSTA, 2009).

Portanto, a questão ambiental, embora a sua importância seja inquestionável e apesar do aumento do número de reportagens publicadas, ainda não foi suficientemente internalizada de modo sistemático no agendamento diário da grande imprensa brasileira, com exceção dos veículos especializados. (COSTA, 2009, p.188)

Este artigo apresenta alguns resultados parciais da pesquisa “Mudanças Climáticas, Mídia Impressa e Políticas Públicas: uma Análise do Discurso Jornalístico e sua Interface com o Discurso Político”. Os dados foram obtidos, principalmente, com a análise de matérias publicadas pelo Jornal Folha de São Paulo (FSP). Fundada em 1921, a FSP tornou-se o jornal mais vendido no país a partir da década de 80, quando assumiu as linhas editoriais do Projeto Folha: “pluralismo, apartidarismo, jornalismo crítico e independência”⁷. O jornal modernizou seu parque gráfico e seu *layout*, possuindo, atualmente, tiragem média semanal de 301.299 exemplares.⁸ Politicamente, já foi considerado um jornal de centro-esquerda, em virtude do espaço concedido na publicação a vozes de diferentes posições partidárias e em virtude de sua postura editorial de base pluralista. Nos últimos anos tem criticado com frequência os governos petistas de Luís Inácio Lula da Silva e de Dilma Rousseff por meio de editoriais e repercutindo artigos de opinião.

O *corpus* analisado para esta pesquisa corresponde às matérias jornalísticas publicadas em 2009, ano em que ocorreu a 15^o Conferência de Partes da Convenção das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (COP-15). Aguardava-se, naquele momento, um acordo internacional de suma importância para o destino da humanidade e que

7 “Missão, visão, princípios e valores” <http://www1.folha.uol.com.br/institucional/missao.shtml>. Acesso em: 09 de jul. de 2014.

8 “Circulação” <http://www1.folha.uol.com.br/institucional/circulacao.shtml>. Acesso em: 09 de jul. de 2014.

substituiria o Protocolo de Kyoto (acordo internacional que objetivava a redução dos gases-estufa⁹ na atmosfera), que estava prestes a expirar.

Deste modo, o presente trabalho busca investigar, com ênfase para as fontes políticas utilizadas pelo jornal para construir seu próprio discurso¹⁰ acerca das mudanças climáticas, como o discurso da mídia impressa brasileira se estruturou em relação ao tema, levando-se em consideração a importância dada a ele nas últimas décadas (COSTA, 2010).

As informações para execução deste artigo foram coletadas, principalmente, no *site* do jornal (<http://www1.folha.uol.com.br>) no período de agosto a outubro de 2013, por meio da busca das palavras-chave: ‘aquecimento global’, ‘mudanças climáticas’, ‘Protocolo de Kyoto’ e ‘IPCC’ (*Intergovernmental Painel on Climate Change*).

O principal referencial teórico e metodológico utilizado na pesquisa como um todo encontra-se em teorias sociológicas (p.x.: BOURDIEU, 1998; FOUCAULT, 2008), do jornalismo (p.x.: TRAQUINA, 2004; PINTO, 1999) e da análise do discurso de vertente francesa (p.x.: PÊCHEUX, 1997; BRANDÃO, 2004).

Os "sistemas simbólicos", como instrumentos de conhecimento e de comunicação, só podem exercer um poder estruturante porque são estruturados. O poder simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem gnoseológica: o sentido imediato do mundo (e, em particular, do mundo social). (BOURDIEU, 1989, p.9).

Compreende-se o discurso como um campo de forças e de "produção cultural" (BOURDIEU, 1989), no qual os agentes e instituições que o configuram, por meio do capital simbólico¹¹ internalizado, disputam o poder de representar o mundo social. O campo se apresenta como um sistema específico de relações objetivas que podem ser de aliança e/ou de conflito, de concorrência e/ou de cooperação, entre posições diferenciadas, socialmente definidas e instituídas, independentes da existência física dos agentes que as ocupam (BOURDIEU, 1998, p. 133).

O discurso é, dessa forma, a principal arena na qual os diferentes capitais dos agentes, transfigurados em capital simbólico, lutam pelo poder simbólico e pela hegemonia de modos de ver, perceber e definir o mundo, de representá-lo como

⁹ “Os gases do efeito estufa envolvem a Terra e fazem parte da atmosfera. Estes gases absorvem parte da radiação infravermelha refletida pela superfície terrestre, impedindo que a radiação escape para o espaço e aquecendo a superfície da Terra”. Fonte: http://www.institutocarbonobrasil.org.br/mudancas_climaticas/gases_do_efeito_estufa Acesso em: 28 de jan. de 2014.

¹⁰ Para Foucault, o “termo discurso poderá ser fixado como o conjunto de enunciados que se apoia em um mesmo sistema de formação” (FOUCAULT, 2008, p.122).

¹¹ “Capital simbólico, entendido como prestígio, reputação ou fama, ou seja, a forma percebida e reconhecida como legítima das diferentes espécies de capital (BOURDIEU, 1998, p. 134).

sistemas simbólicos estruturados e estruturantes da realidade. (COSTA, 2009, p. 184)

A Análise do Discurso de vertente francesa também orienta a análise do *corpus*, observando-se que o sentido de uma palavra ou expressão não pode ser buscado apenas nelas, mas nas construções ideológicas¹² e sociais que as cercam. Sendo estas, para Pêcheux (1997), a base do sentido do discurso, e a nosso ver, do discurso jornalístico, que será analisado a seguir. “A imprensa atuaria como um elo indispensável entre a opinião pública e as instituições governantes” (BOYCE, 1978, p. 21, apud TRAQUINA, 2004, p. 129).

As palavras, expressões, proposições (...) mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é em relação às formações ideológicas¹³. (PÊCHEUX, 1997, p. 160).

O conceito de “formações discursivas” de Foucault (2008), também se mostrará operacional para análise, na medida em que indicará a origem de sentidos do próprio discurso jornalístico e de suas fontes.

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva (FOUCAULT, 2008, p.43).

A seguir passaremos para análise do *corpus* específico deste artigo, com ênfase para as fontes políticas utilizadas pelo jornal FSP na construção do discurso jornalístico.

Frustração na COP15

A Dinamarca, em 2009, foi palco da 15ª Conferência de Partes da Convenção das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (COP-15). O evento reuniu 193 países, dos quais, 75 fixaram metas para a redução dos gases do efeito estufa¹⁴. O período foi propício

¹² Chauí (1984) define ideologia, sob a ótica marxista, como um conjunto organizado de representações, ideias, valores sociais, normas e procedimentos de conduta oferecidos e compartilhados em sociedade. As ideologias oferecem maneiras de perceber e entender o mundo.

¹³ “As formações ideológicas comportam, necessariamente, como um de seus componentes, uma ou mais formações discursivas interligadas, que determinam aquilo que se pode e se deve dizer (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.) a partir de uma posição dada em uma conjuntura dada” (HAROCHE, HENRY, PÊCHEUX, 1971, p. 102-103).

¹⁴ “75 países fixaram meta de emissão de gases-estufa para 2020, diz ONU.” Fonte: <http://g1.globo.com/noticias/ciencia/0,,mul1552132-5603,00-paises+fixaram+meta+de+emissao+de+gasesestufa+para+diz+onu.html>. Acesso em: 21 jan. 2014.

para fomentar expectativas em torno do fechamento de acordos para minimizar os efeitos negativos das mudanças climáticas, como o derretimento das geleiras nos pólos. A reformulação do discurso sobre as mudanças climáticas por parte dos Estados Unidos da América (USA) – um dos maiores poluidores do mundo –, tendo em vista a saída de George W. Bush e a entrada de Barack Obama na presidência do país, repercutiu favoravelmente. Esperava-se também um acordo que substituiria o Protocolo de Kyoto, que, como mencionado anteriormente, estava prestes a expirar.

No entanto, os acordos fechados na Conferência de Copenhague não foram satisfatórios no que se refere à sua força de implementação e abrangência. A mídia ocupou um papel de grande importância nesse contexto, produzindo/reproduzindo discursos acerca da temática, assim como o sentimento de frustração com os resultados da COP-15.

Este ano a COP foi em Copenhague, capital da Dinamarca, país que sonhava em entrar para a história como o anfitrião de um acordo abrangente que substituisse o Protocolo de Kyoto, acordado em 1997 na COP 3, sediada na cidade japonesa. (MUNIZ, R. Sonho dinamarquês de virar 'capital ambiental' do mundo torna-se pesadelo. G1, São Paulo, 19 dez. 2009)

A Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas está acabando melancolicamente. O "pré-acordo" fechado nesta sexta-feira, em Copenhague, foi o "pior da história", disse o delegado sudanês, Lumumba Stanislas Dia-Ping, cujo país preside o G77 (130 países em desenvolvimento). (G1. COP 15 propõe o 'pior acordo da história', acusa representante de nações pobres. G1, São Paulo, 18 dez. 2009).

O posicionamento da mídia em geral, ao se referir a COP15, reproduziu a frustração em relação à proposição e ao não consenso na busca de soluções para as problemáticas demandadas pelo tema, como pode ser visto acima. O G1, portal de notícias da Rede Globo, por exemplo, nomeou a conferência como “o pior acordo da história”, por meio da fala do delegado sudanês, Lumumba Stanislas Dia-Ping. Ainda se referindo à Conferência, o *site* afirmou que o evento estava “acabando melancolicamente” e que a Dinamarca, país no qual o evento foi sediado, não alcançou seu “sonho” de entrar para história.

Tendo em vista que a maioria das fontes relacionadas à temática é formada por representantes de instituições governamentais (COSTA, 2010), este artigo tem enfoque principal nas fontes políticas que alimentaram o discurso jornalístico na construção das notícias. Ressalta-se, dessa forma, a importância e papel da mídia na contemporaneidade, como principal agente social de divulgação e socialização de informações.

O jornalismo, inicialmente identificado apenas com a imprensa, deve ser um veículo de informação para equipar os cidadãos com as ferramentas vitais ao exercício dos seus direitos e voz na expressão das suas preocupações. (TRAQUINA, 2004, p. 129).

A Folha de São Paulo e as Fontes Políticas

Foram coletadas no ano de 2009, no Jornal Folha de São Paulo, 520 matérias jornalísticas. Dentre as quais, 368 foram reportagens¹⁵, 17 foram editoriais¹⁶, 128 foram artigos de opinião¹⁷ e 07 foram entrevistas¹⁸. Foram selecionadas a partir dessas 520 matérias, 46 para a sistematização, levando-se em consideração a quantidade e representatividade, nos textos selecionados, das fontes políticas utilizadas pelo Jornal Folha de São Paulo.

1.1. Instituições políticas mais citadas nas matérias jornalísticas:

Gênero Jornalístico ¹⁹	Categoria	Quantidade
Informativo	Reportagem assinada apenas como da redação	9
	Reportagem assinada pelo jornalista	27
Opinativo	Editorial	2
	Artigos de Opinião	8

Do total de 46 matérias selecionadas e sistematizadas, as instituições mais recorrentes foram:

¹⁵ Atividade jornalística, que abrange todas as medidas necessárias à cobertura de um acontecimento. Compreende o planejamento, a pesquisa, a apuração, a observação e a coleta de dados, até o texto final entregue à Redação (ERBOLATO, 1985, p. 269).

¹⁶ O Editorial é o gênero jornalístico que expressa a opinião oficial da empresa diante dos fatos de maior repercussão no momento. Popularmente, se diz que ele contém a opinião do dono da instituição jornalística. Fonte: <http://www.arianefonseca.com/index.php/de-olho-na-midia/jornalismo-opinativo>. Acesso em: 09 de jul. de 2014

¹⁷ Matéria divulgada, com assinatura, e na qual são expedidas opiniões e críticas (ERBOLATO, 1985, p. 45).

¹⁸ Informação prestada ao jornal, através de respostas ao repórter (ERBOLATO, 1985, p.134).

¹⁹ Os gêneros jornalísticos orientam os leitores, permitindo-os identificar as formas e conteúdos dos jornais. Servem também para identificar a intencionalidade de um determinado texto jornalístico (MEDINA, 2011).

Instituições mais citadas no jornal Folha de São Paulo²⁰:	Número de vezes que as instituições foram citadas no Jornal Folha de São Paulo:
Ministério do Meio Ambiente (MMA)	8
Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT)	4
ONU (Organização das Nações Unidas)	4
Ministério de Minas e Energia	2
Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente	2

1.2. Nomes mais citados no Jornal Folha de São Paulo:

Do total de 46 matérias jornalísticas selecionadas e sistematizadas, os nomes mais recorrentes foram:

Nomes mais citados Jornal Folha de São Paulo²¹	Número de vezes que os nomes foram citados no Jornal Folha de São Paulo
Carlos Minc – Ministro do Meio Ambiente	20
Luiz Inácio Lula da Silva – Presidente do Brasil	13
Barack Obama – Presidente dos Estados Unidos da América	9
Dilma Rousseff - Ministra- Chefe da Casa Civil	7
Ban Ki-Moon – Secretário-Geral da Organização das Nações Unidas	3
George W. Bush – Ex-Presidente dos Estados Unidos da América	3

²⁰ As instituições citadas apenas uma (01) vez, dada sua pouca representatividade, foram desconsideradas para efeito de análise.

²¹ Os nomes citados apenas uma (01) vez, dada sua pouca representatividade, foram desconsideradas para efeito de análise.

José Serra – Governador de São Paulo	3
Marina Silva – Senadora	3
Connie Hedegaard – Ministra de Energia da Dinamarca	2
João Talocchi - Coordenador da Campanha de Clima do Greenpeace	2
Luiz Alberto Figueiredo Machado – Embaixador Brasileiro	2
Mendes Thame (PSDB-SP)	2
Suzana Kahn Ribeiro - Secretária de Mudanças Climáticas do MMA (Ministério do Meio Ambiente)	2

O Jornal Folha de São Paulo, como pode ser observado nos dados acima, utilizou, principalmente, como fontes políticas, as instituições governamentais. Os nomes mais recorrentes nas matérias jornalísticas também foram pessoas ligadas ao governo: Carlos Minc, Ministro do Meio Ambiente, apareceu 20 vezes de um total de 46 matérias sistematizadas; seguido do então Presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva; de Barack Obama, Presidente dos Estados Unidos; Dilma Rousseff, Ministra-Chefe da Casa Civil e da Senadora Marina Silva do PT. Nota-se também, que alguns agentes sociais foram citados genericamente (p.ex.: ambientalistas e ruralistas) pelo jornal.

Apenas agora, com o radicalismo do ministro Carlos Minc (Meio Ambiente), o governo federal esboça sair da exagerada cautela. O desmatamento da Amazônia, porém, continua entupindo a atmosfera de gases-estufa. **Animam-se os ambientalistas** mundiais com o posicionamento do presidente Obama. (GRAZIANO, F.; REIS, F. Mudanças climáticas e São Paulo. Folha de São Paulo, São Paulo, 17 fev. 2009). Grifo meu.

Desse modo, "embora a imprensa, na maior parte das vezes, possa não ser bem sucedida ao indicar às pessoas como pensar, é espantosamente eficaz ao dizer aos seus leitores sobre o que pensar" (MCCOMBS; SHAW, 1972 apud TRAQUINA, 2000, p.49).

Os *mass media* centram a atenção em certas questões. Constroem imagens públicas de figuras políticas. Apresentam constantemente objetos que sugerem em que deveríamos pensar, o que deveríamos saber e o que deveríamos sentir.... Os materiais que os meios de comunicação selecionam podem nos dar uma

semelhança de um 'conhecimento' do mundo político (LANG, 1966 apud MORAGAS, 1985, p.89-90).

O discurso sobre as mudanças climáticas na Folha de São Paulo

O Jornal Folha de São Paulo, ao se referir às mudanças climáticas em 2009, enfocou os acordos internacionais sobre o clima e um possível consenso sobre a redução de emissões de gases-estufa. Deste modo, as principais subtemáticas que estiveram presentes nas matérias jornalísticas veiculadas pela publicação foram as seguintes:

1.1 Subtemáticas mais recorrentes no discurso sobre as mudanças climáticas:

Subtemáticas mais recorrentes nas matérias jornalísticas do jornal Folha de São Paulo	Número de vezes no qual as subtemáticas apareceram no jornal Folha de São Paulo
Acordo Global do Clima²²	13
Emissão de Gases-estufa	12
Desmatamento	8
Geração de Energia	5
Protocolo de Kyoto	2
Intergovernmental Panel on Climate Change (IPCC)	2
Petróleo	2
Código Florestal	1
Derretimento de gelo na Antártida	1

O discurso do jornal sobre as mudanças climáticas, como pode ser visto acima, foi apoiado em três temas principais: “Acordo Global de Clima”, “Emissão de gases-estufa” e “Desmatamento”. Nota-se que sobre a emissão de gás carbônico, o Brasil é o sexto maior

²² “É um tratado da ONU (Organização das Nações Unidas) que reúne mais de 100 países, e que vai definir como serão as novas regras e metas para combater o aquecimento global.” Fonte: http://www.wwf.org.br/natureza_brasileira/especiais/vote_pelo_planeta/o_que_e_acordo_global.cfm Acesso em: 21 de jan. 2014.

poluidor do mundo²³, tendo sido, portanto, cobrado internacionalmente a dar soluções para o problema.

Na citação abaixo, observe-se o uso frequente de adjetivos pejorativos para criticar a posição governamental (“tímida e temerosa”, “exagerada cautela”), considerada defensiva e capitaneada pelo governo petista. O artigo de opinião publicado pela Folha é assinado respectivamente por Francisco Graziano Neto, ligado ao Partido Social Brasileiro - PSDB (partido de oposição ao governo federal) e Fernando Reis. O primeiro é engenheiro agrônomo e foi Secretário Estadual do Meio Ambiente de São Paulo e o segundo é advogado e professor titular do Centro Universitário Senac, ligado ao Serviço Nacional do Comércio.

A posição brasileira anda tímida e temerosa. Apenas agora, com o radicalismo do ministro Carlos Minc (Meio Ambiente), o governo federal esboça sair da exagerada cautela. O desmatamento da Amazônia, porém, continua entupindo a atmosfera de gases-estufa. (GRAZIANO, F.; REIS, F. Mudanças climáticas e São Paulo. Folha de São Paulo, São Paulo, 17 fev. 2009).

Fica clara, na construção do discurso reproduzido pela Folha, a utilização de operadores argumentativos que desqualificam a postura governamental diante do fato: “apenas agora”, “porém”.

No discurso da maioria das fontes políticas destacadas pela FSP para falar sobre o assunto, o aquecimento global é representado como o resultado das ações desenfreadas dos países desenvolvidos, o que retiraria do Brasil parte da responsabilidade de assumir, através de alternativas econômicas e políticas, as consequências das mudanças climáticas. Este tipo de discurso refletiu a dicotomia entre países desenvolvidos e países em desenvolvimento, tornando-se um dos problemas enfrentados durante a COP15²⁴ pelos países participantes.

Essas dicotomias também explicitaram a disputa pelo poder simbólico²⁵ no campo político, no qual os agentes que acumulam maior capital simbólico adquirem mais possibilidades de decidir sobre os caminhos dos acordos globais sobre o clima.

²³ “De acordo com o relatório, ao lado das outras nove nações que aparecem nas primeiras posições do ranking, o Brasil é atualmente responsável por dois terços das emissões globais de gases causadores do efeito estufa do setor de energia.” Fonte: <http://planetasustentavel.abril.com.br/noticia/desenvolvimento/brasil-sexto-maior-emissor-gases-poluentes-setor-energia-cop17-648185.shtml>. Acesso em: 21 jan. 2014.

²⁴ Como também noticiou a Revista Época: “COP15 à beira de um colapso”. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/revista/epoca/0,emi111377-17860,00-cop+a+beira+de+um+colapso.html> Acesso em: 21 de jan. de 2014.

²⁵ “O poder simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem gnoseológica: o sentido imediato do mundo (e, em particular, do mundo social) supõe aquilo a que Durkheim chama o conformismo lógico, quer dizer, ‘uma concepção homogênea do tempo, do espaço, do número, da causa, que torna possível a concordância entre as inteligências’” (BOURDIEU, 1998, p.09).

Na citação abaixo, a disputa fica clara também no campo discursivo. Tratava-se de um período pré-eleitoral no qual a Chefe de Gabinete da Presidência da República, Dilma Rousseff, já era considerada pré-candidata à presidência, apoiada pelo então Presidente da República, Luís Inácio Lula da Silva. Os outros pré-candidatos, com considerável popularidade, eram José Serra (Partido da Social Democracia Brasileira - PSDB) e Marina Silva (Partido Verde – PV). A disputa pode ser percebida no título da matéria: “Proposta de fundo do clima opõe Dilma a Serra e Marina”.

Dilma Rousseff entende que cabe aos países desenvolvidos, responsáveis pela maior parcela dos gases acumulados na atmosfera, definir primeiro com quanto contribuirão para o fundo global. "Quem puder dar sua contribuição voluntária dará. Agora, me desculpa, não é US\$ 1 bilhão de dólares." (SALOMON, M. Proposta de fundo do clima opõe Dilma a Serra e Marina. Folha de São Paulo, São Paulo, 15 dez. 2009).

O aquecimento global no contexto brasileiro foi representado, nas páginas da Folha de S. Paulo, pelos altos índices de desmatamento na Amazônia, sendo estes, o principal elemento do discurso produzido ou reproduzido sobre essa região.

Segundo Lula, a principal contribuição do país no futuro imediato será o combate ao desmatamento. O próprio secretário geral da ONU, Ban Ki-moon, já havia feito críticas ao nível de desmatamento no país. (LAGE, J. Em jantar, Lula diz que Brasil terá meta de corte. Folha de São Paulo, São Paulo, 23 set. 2009).

No entanto, o governo brasileiro, sob os olhos internacionais, estaria buscando coibir o desmate da floresta sob o intuito de amenizar os impactos das mudanças no clima. É o que atesta o artigo de opinião “O Paradoxo da Amazônia”, de Bruce Babbitt, ex-governador do estado do Arizona nos Estados Unidos da América, e de Thomas Lovejoy, professor de Ciência Política e Política Ambiental da Universidade George Mason. Neste aspecto, o Brasil aparece de forma favorável nas matérias jornalísticas da FSP analisadas, como um país que toma iniciativa e se destaca em relação aos demais países para resolver o problema.

A DESTRUIÇÃO das florestas ameaça a sobrevivência de todo o planeta. Em todo o mundo, a derrubada e a queima de florestas causam 20% do aquecimento global, mais do que as emissões de gases de todos os automóveis e caminhões. A maioria dos países vem falando muito e fazendo pouco para enfrentar o aquecimento global. O Brasil, porém, é diferente. O ministro do Meio Ambiente, Carlos Minc, anunciou que o Brasil vai reduzir o desmatamento da Amazônia em 70% até 2017. (BABBIT, B; LOVEJOY, T. O paradoxo da Amazônia. Folha de São Paulo, São Paulo, 06 mar. 2009). (Grifos no original).

O jornal, por meio de seus repórteres ou dos artigos de opinião publicados, se alinha com a posição do governo federal sobre o tema, especialmente do Ministério do Meio Ambiente (“A maioria dos países vem falando muito e fazendo pouco para enfrentar o aquecimento global. O Brasil, porém, é diferente”). Nota-se o uso do “porém”, reforçando este sentido.

Convém ressaltar, no entanto, que houve uma rivalidade, inclusive pública e também explorada pela imprensa, entre os ministérios do Meio Ambiente e da Agricultura, por divergirem em relação a questões ligadas, por exemplo, à redução dos índices de desmatamento e à legislação atual sobre o tema e que envolve o agronegócio (Novo Código Florestal Brasileiro). Portanto, a posição não foi um consenso dentro do próprio governo federal e acabou sendo explorada do ponto de vista eleitoral no campo político, como sugere o título da reportagem citada abaixo.

Ao anunciar ontem dados sobre a queda do desmatamento na região amazônica, o ministro Carlos Minc (Meio Ambiente) disse que o crime ambiental compensava no país até um ano atrás. (FSP. Minc critica Marina, que critica governo. Folha de São Paulo, São Paulo, 25 set. 2009).

O jornal também evidenciou, ao citar o Ministro do Meio Ambiente, que não é somente a Amazônia que contribui para a emissão de gases-estufa por meio do desmatamento, ressaltando as consequências econômicas e sociais ligadas às mudanças climáticas, com destaque para as últimas. A citação também responde a uma crítica genérica, comumente feita aos ambientalistas, de que eles só estariam preocupados com a natureza e não com os seres humanos e suas necessidades econômicas e sociais.

Nós não estamos preocupados só com os bichinhos”, disse o ministro Carlos Minc (Meio Ambiente). “Se as bacias continuarem sendo desmatadas nesse ritmo, vai faltar água para a agricultura e a produção de energia”, completou. O cerrado abriga metade do potencial hidrelétrico do país. Minc anunciou que o desmatamento no cerrado será monitorado como na Amazônia. (SALOMON, M. Ritmo de desmate do cerrado é maior que o da Amazônia. Folha de São Paulo, São Paulo, 11 set. 2009).

Nesse sentido, pode-se observar que o discurso jornalístico foi atravessado por uma repetição e recorrência a outros discursos, ou, em outras palavras, por uma reativação. Isso aponta para uma regularidade no âmbito dos discursos sobre as mudanças climáticas. Essa reativação confirma a posição dos sujeitos aptos “a falar” sobre o tema e já explicitados nos quadros mais acima.

A ocorrência de enunciados, cuja emissão atribui-se, principalmente, ao então ministro Carlos Minc, é influenciada por essa regularidade: um discurso que responde a discursos que não aparecem naquele contexto enunciativo específico, mas que se fazem presentes, como foi o caso da disputa eleitoral. Como já enfatizará Foucault (2008, p.31), o enunciado constitui um acontecimento, que apesar de ser único, “está aberto à repetição, à transformação, à reativação”.

Isto, portanto, evidencia as diversas vozes que constroem os sentidos da temática “mudanças climáticas”, levando em consideração que “todo texto é híbrido ou heterogêneo quanto à sua enunciação, no sentido de que ele é sempre um tecido de vozes” (PINTO, 1999, p.31).

(...) mesmo na ausência de qualquer marca de heterogeneidade mostrada, toda unidade de sentido, de qualquer tipo que seja, pode ser inscrita numa relação essencial com uma outra, a do ou dos discursos em relação aos quais o discurso que ela depende define sua identidade (MAINGUENEAU, 1987, p.88 apud FIORIN, 2003, p.33).

Utilizando-se o conceito de “Formações Discursivas” de Foucault (2008), pôde-se constatar que as principais formações discursivas que deram base ao discurso das fontes e dos enunciados²⁶ do próprio jornal, além da política, foram a econômica (“metas claras”, “planos estratégicos”, “prejuízos reais”, “vantagem comparativa”) e a científica (“estudo publicado na revista *Science*”, “segundo o artigo”), como se pode observar nos trechos abaixo:

Os empresários querem que a diplomacia brasileira, no fim do ano, assuma uma posição de liderança para a definição de metas claras de redução global de emissões de carbono, que defenda e agilize a implementação de mecanismos de desenvolvimento limpo e que regulamente o chamado Redd. Por esse mecanismo, recursos seriam dados para quem reduzisse o desmatamento. (...) De acordo com o executivo, qualquer empresa que esteja no mercado internacional hoje precisa colocar a questão das mudanças climáticas em seus planos estratégicos, sob pena de sofrer prejuízos reais. (GERAQUE, E. Em carta, empresas prometem reduzir emissão de carbono. Folha de São Paulo, São Paulo, 26 ago. 2014).

Lula disse que "hoje a questão climática não é mais coisa de malucos, de jovens, é uma questão de sobrevivência da humanidade, de vantagem comparativa para o empresário que agir corretamente". (FLOR, A. Após protesto, Lula defende suas ações ambientais. Folha de São Paulo, São Paulo, 02 set. 2009).

Metade da população mundial pode sofrer com a falta de comida até 2100 se nada for feito para adaptar a Terra ao aquecimento global. O alerta aparece em

²⁶ “Ele não é, em si mesmo, uma unidade, mas sim uma função que cruza um domínio de estruturas e unidades possíveis e que faz com que apareçam, com conteúdos concretos, no tempo e no espaço.” (FOUCAULT, 1986, p. 99).

estudo publicado na revista "Science". Segundo o artigo, no final deste século, há probabilidade de mais de 90% de as regiões tropicais e subtropicais conviverem com temperaturas mais altas do que os recordes de calor do século 20. Isso vai afetar as plantações e comprometer a produção de alimentos. (FSP. Aquecimento provocará crise alimentar. Folha de São Paulo, São Paulo, 10 jan. 2009).

Conclusão

Podemos inferir, de acordo com referencial teórico e com o *corpus* da pesquisa para este artigo, que as “formações discursivas” econômica, política e científica deram base ao discurso jornalístico da FSP sobre as mudanças climáticas no contexto da COP-15, em 2009, e de suas principais fontes, especialmente do campo político.

O grande número de citações de instituições governamentais e de instituições de pesquisa, assim como dos discursos de seus agentes, corroboram a conclusão acima. A questão ambiental ultrapassou o seu lugar de origem: o campo ambiental, e ocupou espaços de grande importância no campo econômico e político, tornando-se pauta constante para mídia.

O discurso jornalístico foi construído a partir da repetição e recorrência a outros discursos, ou seja, por sua reativação. Isso indica uma regularidade no âmbito dos discursos sobre as mudanças climáticas e a utilização (repetição) de suas principais fontes. Essa reativação confirma e legitima a posição dos sujeitos aptos “a falar” sobre o tema, assim como o poder simbólico acumulado por eles. Outros agentes sociais importantes em relação à temática, particularmente no contexto amazônico, como ribeirinhos, indígenas ou pequenos agricultores, praticamente não apareceram nas matérias jornalísticas.

Referências bibliográficas:

BARROS, D. L. P de. **Dialogismo, Polifonia e Enunciação.** In: Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade em torno de Bakhtin. Diana Luz Pessoa de Barros e José Luiz Fiorin (orgs.). 2ª ed. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2003.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico/** Trad. Fernando Tomaz. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

BRANDÃO, H. H. N. **Introdução à Análise do Discurso.** 2ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

F

COSTA, L. **As Mudanças Climáticas na pauta da mídia impressa brasileira: informação e desinformação na construção de políticas públicas para a Amazônia.** Projeto de Pesquisa apresentado ao CNPq. Maio de 2010. Mimeo.

_____. **Meio Ambiente É Pauta! Análise Discursiva da Cobertura da Imprensa Sobre Desmatamento e Queimadas na Amazônia no Período 2002-2006.** In: *Mídia e ambiente: estudos e ensaios.* São Paulo, 2009, p. 182-224.

ERBOLATO, M. *Dicionário de propaganda e jornalismo.* São Paulo: Editora Papirus, 1985.

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber.* Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

HAROCHE, Claudine ; HENRY, Paul ; PÊCHEUX, Michel. *La sémantique et la coupure saussurienne: langue, langage, discours.* Langages. Paris, número 24, p. 93-106, 1971.

MEDINA, J.L.B. *Gêneros Jornalísticos: Repensando a Questão.* In: *Revista Symposium.* v.V, n.1, 1º semestre de 2011, p. 45-55.

MORAGAS, M. de (ed). *Sociologia de la Comunicación de Masas: propaganda política y opinión pública.* Barcelona: Gustavo Gili, 1985. 3v.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso. Uma crítica à afirmação do óbvio.* Tradução Eni Pulcinelli Orlandi [et al.] Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

PINTO, M. J. **Comunicação e Discurso: introdução à análise de discursos.** São Paulo: Hackers Editores, 1999.

TRAQUINA, Nelson. *O Poder do Jornalismo: análise e textos da teoria do agendamento.* Coimbra: Minerva, 2000.

_____. *Teorias do jornalismo.* Florianópolis: Insular, 2004.